

## PIRANDELLO E SEU MUNDO ONÍRICO

SALVIO JULIANO PEIXOTO FARIAS<sup>1</sup>

Cz\$ 10,00? Sim, dez cruzados. Era esse o valor que o jovem Vladimir pediria emprestado à irmã para comprar algumas camisetas. Eram meados da década de 1980, o Brasil começara seu processo de redemocratização, o rock nacional ocupava cada vez mais espaço nas rádios, havia uma nova Constituição sendo preparada em Brasília e um cometa passando pelo céu. Vladimir também estava cheio de esperanças: começaria a pintar camisetas e a descolar seu próprio dinheiro.

Antes, já havia trabalhado como engraxate, carregador em feira e entregador de farmácia, mas eram bicos temporários. “Era a oportunidade de estar na rua, de me sentir livre, sobretudo quando fazia as entregas da farmácia, em que podia percorrer a cidade de bicicleta”, conta ele.

Com o dinheiro emprestado, Vladimir comprou camisetas brancas, Hering, e tinta de tecido. Daí em diante, deixou a imaginação se manifestar. Queria reproduzir os desertos dos pintores surrealistas, que via nos livros da biblioteca da escola e nas capas dos discos do grupo Yes (no caso, ilustrações do artista gráfico britânico Roger Dean). E se as grandes paisagens de areia o seduziam, também olhava para cima: queria pintar o cosmos, com a Via Láctea e outras galáxias que os cientistas ainda haviam descoberto. Os livros de história da arte, os LPs e a revista *Planeta* impressionavam o garoto, que filtrava o que via e levava para o tecido.

As camisetas eram vendidas na Feira Hippie, que na época funcionava na Avenida Goiás, entre a Praça Cívica e a Avenida Anhanguera. Vladimir assinava Gatto, assim com dois tês. “Como os heróis dos gibis que eu lia, eu também queria ter uma identidade secreta e um nome para ser reconhecido, assim como Batman e Bruce Wayne.” O pseudônimo tinha vindo de um personagem

---

<sup>1</sup> FIC/UFMG - [salvioj@gmail.com](mailto:salvioj@gmail.com)

teatral da escola, mas não durou muito. Logo viria o nome artístico que é usado até hoje: Pirandello.

O novo nome também tinha vindo do teatro: Vladmir – agora, Pirandello – havia lido a peça *Seis personagens à procura de autor*, do dramaturgo e romancista siciliano Luigi Pirandello (1867-1936). A peça o encantou e o nome do autor também. A partir daquela época, Vladmir Martins da Silva iria figurar apenas nos documentos.

## NO PRINCÍPIO, OS QUADRINHOS



PIRANDELLO: IMAGENS VISTAS NA INFÂNCIA AINDA POVOAM SEU UNIVERSO PICTÓRICO (FONTE: SALVIO). P.FARIAS/2018)

Pirandello nasceu em Taguatinga, mas no final da década de 1970 a família se mudou para Goiânia. O pai, eletricitista, a mãe, dona de casa, e os sete filhos foram morar no Jardim América. Como a família era evangélica, não havia TV e rádio em casa. Pirandello lembra-se que as primeiras influências visuais teriam vindo dos gibis: Personagens de Walt Disney, Luluzinha (da cartunista Marjorie Henderson Buell) e os heróis da Marvel. Quando conseguia ver TV na casa dos vizinhos, ficava magnetizado com *As aventuras de Jonny Quest*,

dos Estúdios Hanna-Barbera, um garoto que viajava com o pai, o amigo indiano e um cachorro pelo mundo. “Numa feira do Jardim América, havia uma banca de troca de gibis. A gente lia e depois ia lá trocar, de maneira que sempre tínhamos alguma novidade para lermos”, recorda-se ele.

O artista conta que o primeiro desenho feito por ele a despertar a atenção em casa foi um ônibus com os passageiros olhando pelas janelas. Mas a família não deu muita atenção ao talento do garoto, até que depois das camisetas vieram as telas, e com elas os primeiros prêmios. “Com os salões de arte, veio o reconhecimento. A partir de 1991 comecei a ganhar prêmios, como os Novos Valores da Organização Jaime Câmara, os primeiros lugares no Salão da Universidade Católica de Goiás, no Salão de Arte da Galeria Santa Fé e também no Prêmio BEG.”

À medida que se tornava conhecido, os trabalhos no campo visual aumentavam. De pintor de paredes – trabalho que exercia com um amigo, quando tinha 18 ou 19 anos –, passou a se dedicar cada vez mais à arte. Uma das atividades que surgiram foi a de ilustrador, em um jornal de Goiânia. “O que eu mais fazia lá era desenho de dragão, por causa da inflação naquele período”.



OS PROFESSORES ELIANE CHAUD E SALVIO FARIAS ENTREVISTAM O ARTISTA PIRANDELLO, NO ESTÚDIO DE TV DA FIC (FONTE: MARCOS SOARES/2018)

A partir da segunda metade da década de 1990, com o Plano Real e o controle da inflação, o mercado de arte voltou a ser aquecido. Pirandello se beneficiou disso também e chegou a ser artista em tempo integral. “Havia boas galerias e a gente vendia bem. Tinha a Santa Fé, a Época Galeria, a Marina Potrich. Cheguei a viver só da venda de arte. Hoje muitas galerias foram fechadas... E você vai à abertura de uma exposição e tem só a família do artista e uns poucos amigos”.

Atualmente, ele tem feito alguns bicos, produzindo objetos variados, recortando madeira, trabalhando com solda, restaurando pinturas e desenhos. Continua pintando painéis sob encomenda e deixa obras consignadas em algumas galerias de Goiânia. Fez uma página na web, que diz não atualizar como gostaria, mas onde é possível entrar em contato com o artista e sua obra: [www.vlad.pirandello.com](http://www.vlad.pirandello.com).

#### DA TELA PARA OS MUROS

Pirandello diz que sempre quis dividir a arte com um público maior, que não frequenta galerias e museus. “A tela é muito restrita, vai para a casa do comprador. Muita gente no meu bairro nem me conhecia. Comecei a ver pela internet a visibilidade da arte urbana, daí me interessei muito pelo trabalho de gente como o Kobra e a cada vez mais passei a olhar para o grafite.”

Além de Eduardo Kobra, ele elogia o trabalho da dupla, também paulistana, Os Gêmeos e o britânico Banksy. “Eles estão na luta há muito tempo, desde os anos 80, e merecem estar onde estão. Acho que me identifico bastante com o trabalho dos Gêmeos. O Ismael me surpreendeu com aquelas figuras escondidas sob toda a geometria”, afirma, referindo-se por último ao artista visual que dividiu espaços com ele no Projeto Topofilias, executado no Câmpus Samambaia, na Universidade Federal de Goiás.

Reconhecendo que ainda tem muito a aprender nesse gênero, ele diz que possui mais liberdade trabalhando sobre tela. “Na parede, preciso levar algo mais pensado, melhor planejado. Na tela é um processo mais dinâmico, a criação vai mudando à medida que vai sendo executada.” Ao contrário da tela, Pirandello sabe da baixa durabilidade das obras expostas às intempéries e à ação humana, mas isso não o aflige: “Tenho a noção de que o sol vai lambeber aquilo ali, mas isso não é motivo para não fazer. Às vezes retoco, quando tenho algum tempo.”

Durante o processo de criação, a música é ferramenta para Pirandello. Geralmente ele trabalha ouvindo música e lendo poesia nos intervalos. Ressalta que gosta de silêncio para se concentrar enquanto pinta. Quando fez o painel do Pátio das Humanidades, na UFG, Pirandello preferia trabalhar aos fins de semana, sem o burburinho dos alunos nos dias letivos. Algumas vezes a música também é tema: nesse painel executado para o Projeto Topofilias, ele pensou em uma banda de jazz, dessas que tocam nas ruas das grandes cidades em busca de alguns trocados e da atenção de quem passa apressado.

Pirandello sabe que provavelmente não poderia ter outra vida, que não vira as costas para o talento. “A pintura é meu hobby e meu trabalho. É o que me dá prazer”, diz, ressaltando que se está entediado e começa a criar, o trabalho o leva para outro lugar, sempre melhor que a aspereza da realidade. “Para mim, esse é o melhor pagamento.” Como se pode ver, os Cz\$ 10,00 rederam muito... Renderam uma carreira.

Nota: Contribuíram na entrevista os professores Eliane Chaud e Marcos Soares.

Recebido em novembro de 2018

Aprovado em dezembro de 2018